

O ciclo de vida das empresas e sua aplicabilidade no mercado brasileiro

Palavras-Chave: CICLO DE VIDA, TRAJETÓRIA EMPRESARIAL, EDITH PENROSE

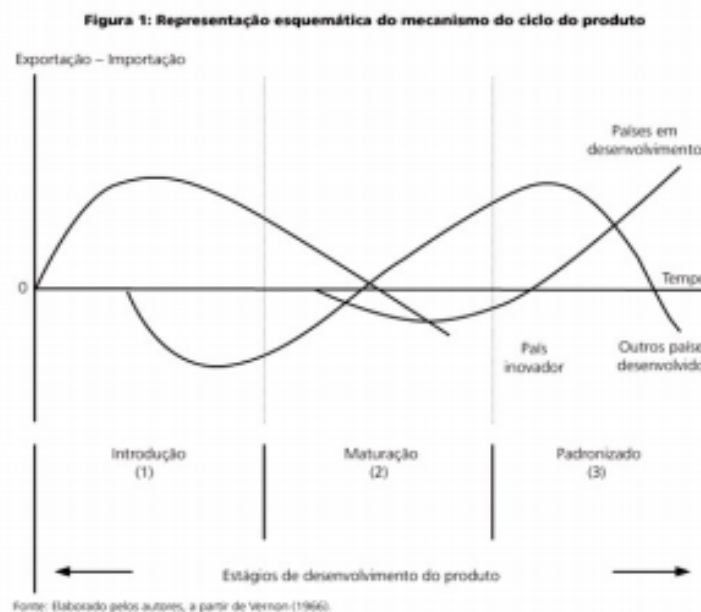
Autora:

SABRINA ISMAEL DA SILVA [UNICAMP]

Prof.^a Dr.^a BRUNO BRANDÃO FISCHER (orientador) [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Análogo ao Ciclo de Vida do Produto de Raymond Vernon (1966) seria possível determinar quando uma empresa teria sua participação desgastada por completo no mercado? Esta pergunta permeia o que chamaremos de ciclo de vida das empresas, termo que será usado para definir a possibilidade de estimar a duração do sucesso de uma companhia frente às mudanças constantes e novos entrantes.



(Revisitando a teoria do ciclo do produto, 2007)

Figura 1

Tal escolha pode ser justificada, quando olhamos o modelo mais a fundo e percebemos que o padrão imposto por Vernon, pode ser desanexado de sua matriz e reaplicado em um contexto diferente do original, desde que este obedeça aos fatores diferenciais de gestão e ambiente.

Para ajudar a compor o embasamento teórico traz-se a Teoria do Crescimento da Firma de Edith Penrose (1959), notória economista do século passado que trouxe uma visitação de dois vetores fortemente ligados ao que influencia o cotidiano e crescimento das empresas, estes por sua vez foram chamados de recursos

produtivos e serviços produtivos . Ainda também, introduziremos o ciclo de vida das empresas segundo Lester, Parnell e Carraher (2003) a fim de firmar as ideias aqui propostas. Além da utilização das informações disponibilizadas em bases abertas de dados e em relatórios anuais das empresas, possibilitando a junção destes determinantes em um modelo que posteriormente ajudará nas análises de empresas do mercado brasileiro.

METODOLOGIA:

Tomando como base teórica e na tentativa de agregar à teoria presente no livro da economista estadunidense Edith Penrose “The theory of the growth of the firm” (Penrose,1959), levante-se os principais elementos determinantes na longevidade da firma. Segundo Penrose (1959), existem dois vetores que podem influenciar na gestão da firma e por consequência no seu crescimento: os recursos produtivos e os serviços produtivos. No primeiro caso, lidamos com um agrupamento de alguns elementos tais quais: equipamentos, plantas, matéria-prima, funcionários, espaço e a capacidade e habilidades do empreendedor. Já no segundo cenário, quando falamos dos serviços produtivos, falamos da capacidade do empresário de enxergar potencial de venda naquele serviço, ou ainda quais serão os esforços dispostos nele.

Em adição as contribuições de Penrose, o artigo intitulado “Integrando a Teoria da Firma na Teoria da Estratégia Empresarial” de Eduardo Brou para o jornal multidisciplinar da Universidade de Portugal, traz uma visão integrativa dedutiva de ambas as teorias, pontuando a importância dos graus de liberdade na gestão empresarial (Williamson,1998). Tais escolhas de gestão, determinam essencialmente, na base da cadeia de causalidade do problema transversal, a qualidade e quantidade dos propulsores.

Outra teórica acerca dos efluentes da firma, chamada Victoria Dickson (2011) publicou um artigo relacionando de forma mais atual e concisa sob a ótica do fluxo de caixa, quais seriam os efeitos sobre a durabilidade no mercado de uma firma. No estudo citado, foi utilizado a base americana de dados COMPUSTAT e CRSP e selecionado de maneira não randômica, excluindo-se algumas firmas da análise tais quais: empresas com valor de mercado negativo, ações abaixo de 10 milhões de dólares e empresas de finanças ou utilidades, estratificação que permitiu-se olhar entre firmas com maior presença de mercado seus níveis de fluxo de caixa, investimento, tamanho da firma e idade. Num primeiro momento foram tabeladas as variáveis específicas de firma de acordo com a opinião dos autores, e depois foram excluídas firmas com datas faltantes. A partir da fórmula desenvolvida ($CR = L + X$, onde CR representa o poder de crédito, L indica o vetor dos estágios de vida e X o controle de variabilidades da firma) os indicadores variam de forma que ao mostrar o índice 1 a firma apresenta alguma escala de pagamento de crédito, de modo que eles possam ser alocados em algum dos cinco estágios do ciclo de vida: introdução, crescimento, maturidade, mudanças e declínio.

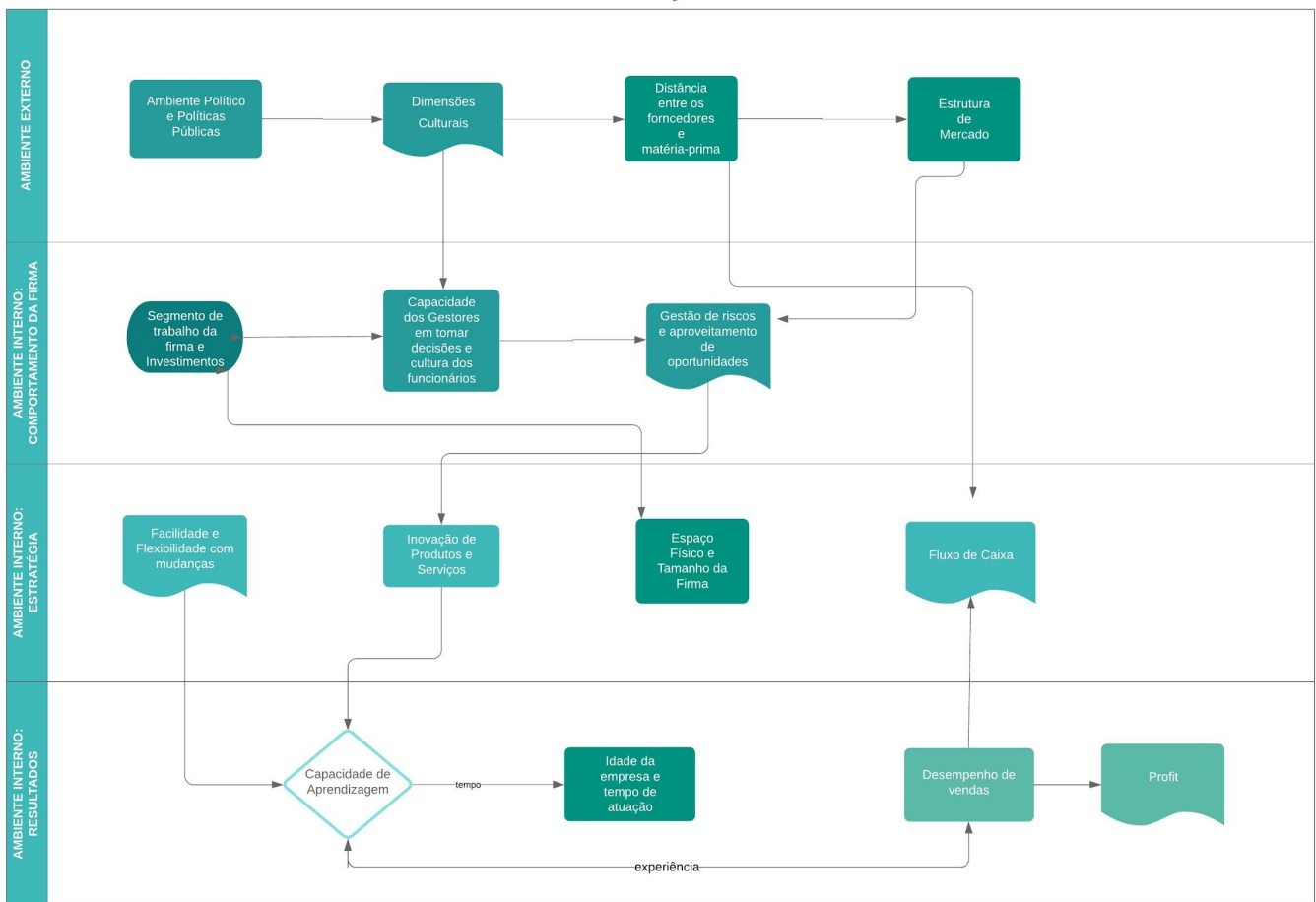
Alfim, um artigo publicado pela universidade chinesa Chongqing University, intitulado “Extending the firm vs Industry Debate: Does Industry life cycle matter?” que aborda os impactos da indústria no ciclo de vida das firmas, propondo assim três fundamentais hipóteses para guiar o artigo: 1. Os efeitos da indústria serão mais fortes na fase de declínio do que na maturidade, assim como os efeitos do estágio de maturidade serão mais fortes do que os efeitos do estágio do crescimento. 2. Os efeitos de empresas de uma mesma corporação serão mais fortes na fase de declínio do que na fase de maturidade, assim como serão mais fortes no estágio de crescimento do que de maturidade. 3. Os efeitos das unidades de negócios serão mais fortes na fase de declínio do que na fase de maturidade, assim como serão mais fortes no estágio de crescimento do que de maturidade.

O conceito de empresa e ambiente é apresentado não como dois sistemas desconexos, mas sim como uma relação de complementação. Tal qual, quando a natureza da firma evolui e muda de escopo, seus determinantes de ciclo também mudam, de modo a analisar o desempenho de vendas e sua performance. Sendo assim, a principal conclusão que o artigo traz está relacionada a maturidade da empresa de modo

que, quanto mais madura a firma for, mais ela estará disposta a assumir determinados riscos, dessa maneira os estágios finais do ciclo de vida determinam a relação individual de cada firma com a indústria e o ambiente, muito mais do que quando elas estão no crescimento, onde o comportamento positivo interfere nas oportunidades de desenvolvimento e expansão.

Partindo desses referenciais e das leituras pré-analisadas, foi elaborado um fluxograma dos processos organizacionais relacionados ao tempo de firma:

Fluxograma de determinantes organizacionais



Fonte: idealizado pela autora com base na leitura analisada

Figura 2

Tendo em vista os elementos da figura 1 relacionada acima, e selecionando três empresas brasileiras de ramos distintos, deu-se início a sequência de análises propostas, buscando identificar tais elementos e sua verossimilhança com o cotidiano empresarial brasileiro.

PRÓXIMOS PASSOS:

Até o presente momento, as empresas selecionadas para a estratificar diferentes setores do mercado brasileiro, foram: Grupo Pão de Açúcar, Itaú Unibanco e Magazine Luiza. Ademais, o ambiente interno de cada uma das citadas foi explorado dando continuidade ao processamento dos ambientes e fatores relacionados a cultura organizacional, através do uso de vivências de funcionários e clientes, alinhado com as teorias propostas e dados disponíveis publicamente pelas empresas, desta forma ambas as empresas passarão pelo processo comparativo/analítico durante a construção deste e permitirão a comparação de diferentes cenários brasileiros, seja em questão de crescimento econômico, expansão de mercado ou abertura de nichos.

BIBLIOGRAFIA

COUTO, Samuel Martim de; SILVA, Carlos Candido da; BARDEN, Julia Elizabete.

CRESCIMENTO DA FIRMA CONTEMPORÂNEA: ESTUDO DE CASO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR. Florianópolis, Gual, 2014.

BROU, Eduardo. **Integrando a Teoria da Firma na Teoria da Estratégia Empresarial.** Tomar, Dos Algarves, 2018.

ALMEIDA, Felipe; PESSALI, Huáscar. **Revisiting the evolutionism of Edith Penrose's The theory of the growth of the firm: Penrose's entrepreneur meets Veblenian institutions.** Paraná, Elsevier, 2017.

BLOMKVISTA, Magnus; LÖFLUNDB, Anders; VYASA, Hitesh. **Credit ratings and firm life-cycle.** Nantes, Elsevier, 2020.

SHAHZAD, Farrukh; LU, Jing; FAREED, Zeeshan. **Does firm life cycle impact corporate risk taking and performance?.** Chongqing, Elsevier, 2019.

PENROSE, Edith. **A Teoria do Crescimento da Firma.** Campinas: Unicamp, 1959.